

MARIA LUIZA CARDINALE BAPTISTA

malu@pazza.com.br

**Amorcomtur – Grupo de Estudos e Produção em Comunicação,
Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS), Universidade de
Caxias do Sul, Brasil / Universidade Federal do Amazonas, Brasil**

QUEM É O SUJEITO DA COMUNICAÇÃO? A PERSPETIVA DO SUJEITO-TRAMA

RESUMO

O presente artigo discute a subjetividade contemporânea, na sua dimensão caosmótica, complexificada também pelos processos de mediatização, em tempos de internacionalização. Trata-se de relato de discussão pertinente a pesquisas realizadas na Universidade de Caxias do Sul, Brasil, com o apoio do CNPq. As investigações são transdisciplinares, com orientação qualitativa para a construção das estratégias metodológicas. O texto apresenta aspectos do processo teórico até a complexidade subjetiva que caracteriza os estudos comunicacionais contemporâneos, de interação direta ou mediada por dispositivos tecnológicos de comunicação. Com referencial esquizoanalítico, apresenta a proposição de sujeito-trama, composição de campo subjetivo caosmótico, marcado por múltiplos atravessamentos, também resultantes de fenômenos complexos, de agenciamentos midiáticos-socioeconômicos-políticos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE

comunicação; subjetividade; caosmose; sujeito-trama; esquizoanálise

INTRODUÇÃO¹

O título deste artigo teve três origens diferenciadas.

Uma das origens remonta ao tema de um trabalho de alunos da disciplina Psicologia da Comunicação. “Quem é o sujeito da comunicação?”, eu lhes perguntei. A ideia era fazê-los compreender a complexidade da definição de “sujeito”, a partir da escolha de objetos empíricos. Uma das alunas dizia: “pensamos uma coisa, mas achamos que você não vai concordar. Não sabemos se pode ser, se o que pensamos é muito doido, se dá para estudar isso também... Nós pensamos que o sujeito da comunicação pode ser um taxista”. E todos riram. Eles queriam analisar, em Psicologia da Comunicação, a situação empírica da comunicação com os taxistas. Para surpresa deles, respondi: “e por que não?”. Na verdade, eu não considerava estranha essa opção. Era diferente do que vinha sendo proposto até então. Era um enfoque diferenciado para objeto de pesquisa. Na verdade, estudar a comunicação não tem necessariamente a ver com os meios de comunicação, com os média. A comunicação é o elemento essencial de qualquer interação entre sujeitos e “dentro” dos próprios sujeitos.

Outra pista surgiu-me no Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisa em Comunicação (ALAIC), na Argentina. Na época, emergiu a discussão sobre o objeto da Comunicação Social. Alguns participantes defendiam que a Comunicação Social só pode ser considerada a partir da tecnologização dos meios, no século XIX, marcante pelo avanço tecnológico comunicacional. Segundo esses participantes no debate, não se pode falar em Comunicação Social antes do surgimento dos média, do espaço público mediático da imprensa. Nessa visão, a comunicação teria que ser necessariamente mediada por dispositivos, que permitiriam o fluxo informacional entre sujeitos de uma sociedade da comunicação. Eu não partilho desta visão. Penso que é necessário pensar a comunicação como mediação no seu sentido mais amplo.

A terceira fonte de inspiração foi uma ideia repetida pelos professores de Gramática, ao longo da minha vida: “o sujeito da frase é quem faz a ação”. O sujeito, no seu sentido atomizado, é quem faz a ação. No entanto, se a ação na comunicação tem, como essência, a ideia de compartilhar sentidos, informações, dados, significações, então podemos concluir que o sujeito da comunicação nunca poderá existir sozinho, será sempre parte

¹ Uma versão original (Baptista, 2014) deste texto foi apresentada no VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), realizado em Foz do Iguaçu de 2 a 5 de setembro de 2014.

de um coletivo. Não é possível analisá-lo individualmente, isoladamente, porque a comunicação se dá na partilha, na interação, no encontro de corpos que, nesse acontecimento, se contagiam mutuamente com inflexões de sentidos, com direcionamentos de significações que fazem com que eles, a partir desse momento de interação, estejam em outra condição, em outro lugar no universo de suas vidas. Em síntese: quando a comunicação acontece, ela reinventa os sujeitos, ainda que infimamente, fazendo-os seguirem uma existência a partir do “acontecimento comunicacional” que os transformou e que, em certas ocasiões, os desterritorializou.

Sejamos claros: a interrogação sobre o sujeito da comunicação não pode ser compreendida se não formos capazes de repensar a noção castradora de “indivíduo psíquico” no processo de comunicação. Implica necessariamente uma reflexão sobre a interface das áreas da Comunicação e da Psicologia, na busca de compreender o processo comunicacional. E, acima de tudo, trata-se de compreender o viés subjetivo desse processo constituindo o que venho denominando como “psico-comunicação complexa”. Nos meus 25 anos de docência e pesquisa na área da Comunicação, tenho procurado estabelecer interface com outras áreas do saber. As minhas pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, na Universidade de São Paulo, foram transdisciplinares, com ênfase na interface nessas duas áreas, Psicologia e Comunicação, e com a perspectiva de discutir aspectos subjetivos em diferentes processos de comunicação. As pesquisas que se seguiram, como pesquisadora e docente, em outras cinco universidades brasileiras, tiveram a mesma marca.

Sendo um trabalho teórico recente, este texto decorre do estudo realizado na Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, intitulado “Imagem, sujeito e mídia”, bem como de outros dois estudos: “Usina de saberes em comunicação e desterritorialização desejante em turismo e comunicação”. São estudos desenvolvidos em práticas de pesquisa no grupo que coordeno: “Amorcomtur! Grupo de estudos em comunicação, turismo, amorosidade e autopoiese”. Os meus estudos sobre Comunicação e Turismo dedicam-se, especialmente, à análise dos sujeitos, dos laços subjetivos e dos processos de afetivação desejante desses sujeitos, ou seja, o que os põe “em movimento”.

Da noção mais genérica de comunicação-trama, que defendi na tese de doutoramento, apresento, neste texto, o conceito de “sujeito-trama”, como composição de campo subjetivo caosmótico, em suas imbricações complexas.

EM BUSCA DO SUJEITO DA COMUNICAÇÃO

Poucos duvidam que a contribuição da Psicanálise é muito importante para se compreender a noção de “sujeito da comunicação”. Sigmund Freud (1976) contribuiu para compreender os mecanismos psíquicos do nosso consciente. Contudo, nos seus começos, a Psicanálise de Freud (1976) adotou as características dominantes na ciência da época, com seus traços mecanicistas, cartesianos e reducionistas. Embora nos desse algumas pistas para entender o social, a sua base foi o indivíduo, como um ser psíquico, a unidade central de análise. Esse mesmo indivíduo teve o seu campo psíquico fragmentado em instâncias psíquicas – ao nível da explicação do funcionamento. Freud (1976) parte de um sujeito, em si mesmo marcado essencialmente pelo coletivo familiar, embora apresente alguns trabalhos que apontem para o social, como é o caso de “Psicologia das massas e análise do ego”, “Totem e tabu”, “O mal-estar na civilização”, entre outros. Obstinado, Freud (1976) lançou-se na tarefa de demonstrar o caráter científico da Psicanálise em coerência com os pressupostos científicos positivistas dos começos do século XX. A própria metáfora do edifício desse sujeito psicanalítico expressa isso. “As teorias da resistência e da repressão do inconsciente, da significação etiológica da vida sexual e da importância dos acontecimentos infantis são os elementos principais do edifício teórico psicanalítico” (Freud, citado em Mezan, 1991, p. 4).

Considero importantes e muito úteis as concepções freudianas para compreender o ser humano e a sua condição de sujeito da comunicação. O criador da Psicanálise e seus seguidores ou opositores construíram um cenário com elementos conceituais com que se pode trabalhar ainda hoje. Há, no entanto, que se considerar a “transformação da paisagem” psicossocial.

Houve, certamente, um processo de complexificação que necessita de ser levado em conta. Uma das marcas de constituição do universo da psico-comunicação é a abordagem do “indivíduo” como uma unidade discreta indiscutível e não do processo que origina o “sujeito”. Nesse sentido, muitas vezes, as relações – e, portanto, a “comunicação” – tiveram uma explicação reducionista. A origem da palavra indivíduo explicita isso. Deriva de *individuum*, tradução latina do grego *atomon*. Pela etimologia, pode-se depreender a noção de átomo, unidade mínima indivisível, aqui, no caso, da sociedade.

O que se percebe é que, ao longo da história da “Comunicação”, diferentes pressupostos teóricos e concepções de mundo foram acionados para tentar responder à pergunta foco deste artigo. Mattelart (1999) faz uma retrospectiva, nesse sentido, que nos ajuda a pensar esta problemática. Ele

cita, em princípio, a perspectiva da Psicologia das Massas, como é o caso das obras de Sighele e Le Bon. Alguns trabalhos do final do século XIX, por exemplo, envolveram a perspectiva da psicologia das massas como manipuladas, através da sugestão. A primeira edição da obra de Sighele tinha sido publicada em 1891. Já na segunda edição, de 1901, o autor retrata o jornalista como “um agitador e seus leitores como o gesso molhado sobre o qual sua mão deposita sua marca” (Mattelart, 1999, p. 23). As teorias dos dois autores foram bastante estruturadas a partir da influência dos conceitos de contágio, sugestão e alucinação. No final do século XIX, início do século XX, o sujeito da comunicação era o emissor poderoso, detentor das tecnologias que possibilitaram o contato com a “massa manipulada”.

Le Bon teorizou sobre a Psicologia dos Povos e deu ênfase ao fator racial na argumentação sobre a “alma da massa”, como uma espécie de ser com autonomia com relação aos indivíduos que a compõem. Com Gabriel Tarde, um dos fundadores da Sociologia, a discussão avançou no sentido de constituir uma distinção entre massa e público. “Ao contrário da massa, conjunto de contágios psíquicos essencialmente produzidos por contatos físicos, o público ou públicos, produto da longa história dos meios de transporte e de difusão, ‘progridem com a sociabilidade’” (Mattelart, 1999, p. 24).

Mattelart lembra que a visão de Tarde também é bastante influenciada pelo conceito de “sugestão”, duramente questionado por Freud, no clássico texto “Psicologia das massas e análise do ego”. O seu mérito parece ter sido o destaque da “natureza subjetiva das interações sociais para evitar a reificação dos fatos sociais” (Mattelart, 1999, p. 26) Essa perspectiva o aproxima de Georg Simmel e da possibilidade de compreender o que este último chama de duplo processo paradoxal que compõe o social: a associação e a dissociação, enquanto aborda o fundamento psicológico da personalidade urbana. Trata-se, aqui, da capacidade de o indivíduo associar o que está separado e também de separar, possibilitando uma outra ordem de significação.

Depois da influência do que se convencionou chamar de Escola de Chicago, pode-se destacar o papel do funcionalismo no pensamento das Ciências da Comunicação. A tentativa de compreender “o comportamento”, “as reações”, as “respostas”, os efeitos caracterizam bem a perspectiva funcionalista da comunicação no século XX. No Brasil e na América Latina, os estudos de comunicação foram marcados pela influência dos pressupostos da Revolução Científica (Beltrán, 1981; Barbero, 1989; Freitas, 1978; Madrid, 1984; Sousa, 1995). Durante a maior parte do século XX, os estudos utilizaram o modelo vertical mecânico-reducionista-cartesiano, que

considera a comunicação como um processo em que um emissor emite e um recetor recebe uma mensagem, utilizando um canal, um código, para um recetor que recebe ou, no máximo, poder responder, reagir, produzindo *feedback*. E esse modelo comunicacional influenciou muitas das correntes teóricas das Ciências da Comunicação: funcionalismo, teoria da dependência, teoria da escola de Frankfurt (Santos, 1992; Sousa, 1995; Wolf, 1987).

Entendo modelo mecânico como sendo aquele em que não há nem verdadeiros atores nem verdadeiros intercâmbios. É o modelo em que comunicar é fazer chegar uma informação, um significado já pronto, já construído, de um polo a outro. Nele, a receção é um ponto de chegada daquilo que já está concluído. (Barbero, citado em Sousa, 1995, p. 40)

A grande rutura vai ocorrer nos anos 1990, quando algumas teorias, desenvolvidas no pós-Maio de 1968, se consolidam, abrindo caminho para um olhar mais complexo, para os processos socioculturais, para a subjetividade e para a comunicação (Sousa, 1995). Nesse viés se destacam vários autores, cada um à sua maneira, propondo a ampliação do olhar para os processos de interação de sujeitos, para a produção simbólica, para a movimentação subjetiva no tecido social.

NA COMUNICAÇÃO-TRAMA, A TRAMA SUBJETIVA

Em determinado momento, na construção da minha tese sobre os processos de escrita dos jovens adultos, propus a seguinte definição²: comunicação é a interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos (Baptista, 2000, pp. 33-34). Penso que a conceção ainda é válida como síntese do meu pensamento sobre o conceito de comunicação. Tenho, no entanto, refletido muito sobre o trecho que se refere ao “fluxo de informações entre

² O conceito está apresentado no artigo “Comunicação, amorosidade e autopoiese” (Baptista, 2004), um dos textos síntese dos pressupostos teóricos com os quais trabalho. Também está desenvolvido na minha tese de doutoramento, defendida na Universidade de São Paulo (Baptista, 2000).

os sujeitos”. Entendo que não é apenas um fluxo de informação que se produz no processo interacional em que ocorre a comunicação, mas algo mais denso, intenso, avassalador, um “encontro de corpos” que remete para o pré-individual, lembrando a noção de “corpos sem órgãos” de Félix Guattari (1992)³. Mais tarde, pude aprofundar esta questão a partir de outras leituras do autor e de pesquisas com base nesse referencial.

Num texto de proposição da *Nova teoria da comunicação*, Ciro Marcundes Filho (2013) cita Deleuze, fazendo referência a “coisas que me violentam”, como as que nos fazem pensar, porque nos tocam de maneira particular. Não são apenas sinais. Nessa perspectiva, penso que a “violência” envolve a intensidade da desterritorialização, no encontro de universos existenciais, a partir do choque de singularizações subjetivas, agenciadas por máquinas abstratas. Nesse sentido, parece esclarecedora a fala de Guattari (1992, p. 162): “não se poderá mais falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade de ‘agenciamentos coletivos de enunciação’ que implicam multiplicidades humanas”. O agenciamento das máquinas abstratas passa, por sua vez, pelo engendramento de um complexo sistema maquínico, constituído por múltiplos componentes. Segundo Guattari (1992), são:

- componentes materiais e energéticos;
- componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que participam da fabricação da máquina);
- componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação, à organização do trabalho, à ergonomia, à circulação e à distribuição de bens e serviços produzidos;
- componentes de órgão, de influxo, de humor do corpo humano;
- informações e representações mentais individuais e coletivas;
- investimentos de “máquinas desejanter” produzindo uma subjetividade adjacente a esses componentes;

³ O conceito de “corpo sem órgãos” proposto em *O anti-Édipo*. Ovídio Abreu Filho (1998) comenta o conceito a partir de análise da sequência de livros de Deleuze e Guattari, intitulada *Mil Platôs*. Trata-se de um conceito que permite pensar o desejo como processo que produz o campo de imanência de seus agenciamentos e não na dependência da ideia do corpo como origem das necessidades e lugar dos prazeres. Criar, selecionar e articular os corpos sem órgãos plenos, eis o programa da esquizoanálise.

- máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados.

O “terreno” agora começa a ficar menos firme, mais complexo, mas a sua compreensão demanda alguns esclarecimentos teóricos, pertinentes à esquizoanálise.

CAOSMOSE SUBJETIVA E MEDIÁTICA

O cenário caosmótico está sendo considerado, aqui, conforme a perspectiva do psicoterapeuta e filósofo Félix Guattari. Esse autor, juntamente com o filósofo Gilles Deleuze, representa uma importante visão teórica que emergiu no século XX, denominada como esquizoanálise (Deleuze & Guattari, 1995).

Ela questiona dois equívocos científicos. O primeiro equívoco assenta no pensamento de Sigmund Freud (1976): a descoberta do inconsciente e a proposição da Psicanálise como ciência voltada essencialmente para o “indivíduo”. O segundo mal-entendido tem a sua origem numa interpretação apressada da teoria da comunicação de Karl Marx, com o viés explicativo das relações de produção capitalista, com predomínio da noção “economicista” de capital, como sendo o principal definidor da relação entre dominantes e dominados. Tal como defende Michel Foucault (2001), a teoria do sujeito marxista coloca a origem econômica do poder como essencial na compreensão do ser social. Os elementos de determinação ligados ao individual psíquico e biológico são, com algumas exceções, considerados menos irrelevantes ou, mais simplesmente, desprezados.

A perspectiva esquizoanalítica considera o sujeito “em situação”, em sua complexidade e múltiplos agenciamentos/atravessamentos, com uma subjetividade decorrente de processos de produção (Guattari & Rolnik, 1986; Rolnik, 1989, 1992a; 1992b; 1992c; 1993). Guattari fala de uma subjetividade maquínica, produzida através de dispositivos múltiplos de subjetivação, dispositivos maquínicos agenciados em um contexto de ordem capitalística. Neste contexto, os meios de comunicação agem como equipamentos coletivos de produção de subjetividades, que interagem com outros dispositivos, compondo universos de referência significantes e a-significantes.

A esquizoanálise considera uma lógica produtiva, de maquinismos abstratos e concretos, em que o sujeito está atravessado/tranversalizado

por múltiplos sistemas maquínicos que o constituem. Esses sistemas são fatores/equipamentos coletivos de produção de subjetividade, assim como Guattari (1992) define os meios sociotécnicos e, entre eles, os de Comunicação Social. Essa perspectiva teórica, concebida e representada principalmente por Deleuze e Guattari (1995), questiona os complexos freudianos e o caráter universalizante das concepções da Psicanálise – tanto a partir de Freud como de alguns dos seus sucessores, como o próprio Jacques Lacan. Entendo que Deleuze e Guattari (1995), não negando totalmente a validade dos ensinamentos da Psicanálise, acabam por questionar duramente a rigidez totalitária do estruturalismo dessa teoria. A esquizoanálise aborda a complexidade das relações e o universo de produção de subjetividade não olvidando a mediação, o atravessamento, dos dispositivos maquínicos, entre eles, os mediáticos.

A expressão *caosmose* dá título a um livro de Felix Guattari (1992): baseia-se na junção de três palavras: caos, osmose e cosmo. A associação das palavras, nessa fusão, informa sobre a condição caótica e de osmose que caracteriza o cosmo. Os processos comunicacionais englobam tanto os universos corporais com os incorporais, as dimensões visíveis e invisíveis que se entrelaçam, na produção da trama complexa, de saberes, de vivências, de sujeitos. Estes sujeitos estão envolvidos em relação, por muitos agenciamentos, em uma engrenagem maquínica⁴ que se movimenta por maquinismos abstratos, mais que nas expressões semiológicas e nas axiomáticas territorializadas⁵.

Nesse sentido, a *caosmose* é a característica fundamental do mundo contemporâneo, marcado pelo caos em múltiplas dimensões – social, económico, político e também em termos de maquinismos e redes mediáticas. Vivemos num mundo em que alternam duas éticas fundamentais:

⁴ Aqui é importante fazer a ressalva, no sentido de que os maquinismos a que me refiro têm sustentação teórica nos textos de Deleuze e Guattari (1995). Para Guattari (1992), a máquina não é a máquina mecânica, mas representa um conjunto de fluxos e engendramentos, concretos e abstratos, onde feixes interacionais vão constituindo algo como um campo de potência para devires. Essas máquinas abstratas podem ser desde uma instituição, como uma universidade, ou um território geográfico, como um país, mas no que elas extrapolam o visível, o dizível, o concreto. Tudo isso é considerado, mas sempre em condições simultâneas, ao que escapam as leis e padronizações narrativas de qualquer organização maquínica.

⁵ O termo território também precisa de ser revisto com base na esquizoanálise, representando algo maior que uma delimitação geográfica física. Território é a configuração de limites passíveis de serem compreendidos na sua dimensão flexível, móvel, mutante, por natureza. Territórios são cristalizações existenciais. Podem estar expressando regiões, mas sempre, no sentido esquizoanalítico, vão representar mais do que a descrição lógica, racionalista e reducionista teve a tendência a fazer, na ciência clássica. Os feixes de fluxos incorporais a-significantes, em constante transformação, constituem o território e são postos em ação na desterritorialização.

a dos corpos sensíveis em comunhão harmoniosa com o coletivo e a das máquinas-corpos como uma economia-narcísica do sujeito.

A perspectiva esquizoanalítica acredita que duas lógicas permeiam a tessitura ética, na contemporaneidade: a lógica pulsátil (presente nos corpos vibráteis, que não repelem o mundo da sensorialidade, visto que procuram uma existência plena e para isso desejam afetar e ser afetados) e a lógica maquínica (presente nos corpos transformados em máquinas homeostáticas, que perdem qualquer potência de expressão e constroem uma economia narcísica do sujeito). (Peres, Borsonello & Peres, 2000, p. 37)

A heterogênese caosmótica apresenta-se dividida dentro de cada um de nós. O caráter esquizo da subjetividade contemporânea, ou seja, uma subjetividade fragmentada, é atravessada por dois polos extremos: o corpo-sensível e o corpo-máquina. É por isso que cada vez mais emerge uma subjetividade do tipo “barata tonta”.

O processo comunicacional no mundo atual pode ser entendido como uma “comunicação-trama”. E o sujeito contemporâneo também pode receber essa atribuição. Ele não é “um” ser, mas uma singularidade existencial, cuja composição é sempre múltipla, plural, decorrente de múltiplas instâncias, matérias e substâncias, principalmente no plano das significações. Os universos de referências dessas singularidades foram e são formados por espécie de campos de força, literalmente uma trama existencial.

O inconsciente esquizoanalítico, segundo Guattari (1987), não se opõe totalmente ao antigo modelo psicanalítico. Primeiro, o inconsciente não se limita a elementos do mundo da representação, a conteúdos representativos, é também o “lugar de interação entre componentes semióticos e sistemas de intensidade os mais diversos” (Guattari, 1987, p. 168). Além disso, no processo esquizo não há uma sintaxe universal; ao contrário, tudo está em constante mutação no inconsciente também. Nesse sentido, as relações intersubjetivas e interpersonológicas ocupam uma posição de destaque, mas há que se considerar também a existência de múltiplas relações.

Sistemas de entidades abstratas (maquinismo abstrato), ladainhas musicais (...) traços de rostidade que não pertencem propriamente às identificações humanas, traços de animalidade, de paisageneidades, sistemas maquínicos, econômicos dos mais diversos. (Guattari, 1987, p. 169)

Do próprio Guattari (1992, p. 102), destaco a citação: “o mundo só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna uma posicionalidade subjetiva”. Há várias conexões possíveis, a partir dessa afirmação. A primeira delas é a das explosões geradoras de universos, como a desconstrução das estrelas. O mesmo parece ocorrer com sujeitos, grupos, movimentos sociais, com a eclosão de processos subjetivos de sujeitos singulares e coletivos. Dos estudos de Maturana (1998), a partir da célula, à compreensão do universo físico, com Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), tudo parece fazer parte de uma narrativa universal. Somos o todo, somos integrantes do universo caosmótico. Entender isso parece um bom começo para entender processos comunicacionais, os acontecimentos e, principalmente, a incomunicabilidade⁶. Em tempos de globalização acelerada, aprofundar o conhecimento sobre a dimensão caosmótica dos processos de comunicação apresenta-se como uma necessidade e uma urgência.

Nesse sentido, vale a pena ressaltar, também, a conexão com o conceito de autopoiese de Maturana (1998). Autopoiese é autoprodução, reinvenção de si, o que significa desconstrução para reconstruir, posteriormente, outra condição de existência. Desterritorializar, para reterritorializar territórios existenciais, a partir de um ponto umbilical do qual “se encarna uma posicionalidade subjetiva”, para retomar a citação de Guattari (1992, p. 101). É como se Guattari dissesse que a vida se produz de explosões múltiplas e contatos de universos subjetivos, sob o que ele chama de “foco de caosmose”. Acontece uma reconciliação entre o caos e a complexidade. O foco de caosmose relaciona-se diretamente com o núcleo de autopoiese, “sobre o qual se realizam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os territórios existenciais e os universos de referências incorporais” (Guattari, 1992, p. 102).

Segundo a visão de Guattari (1990), a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Subjetividade considerada sob o ângulo da sua produção, sem que isso signifique a retomada da dicotomia determinista infraestrutura material versus superestrutura ideológica. “Os diferentes registros semióticos que concorrem para engendrar a subjetividade não conservam relações hierárquicas obrigatórias, fixadas de uma vez por todas” (Guattari, 1990, p. 3).

⁶ Neste ponto, refiro-me às noções trabalhadas pelo grupo Filocom, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na proposição da nova teoria da comunicação. O termo incomunicabilidade vem sendo usado pelo professor universitário Ciro Marcondes Filho, para representar as dificuldades inerentes à realização contemporânea do que ele chama de acontecimento comunicacional.

Vários são os termos que o autor utiliza para representar essa subjetividade em produção: subjetividade maquínica, esquizo, plural, polifônica. Todos indicam um engendramento múltiplo, complexo, ajudando a compreender a constituição do ser sujeito campo de forças a que venho me referindo. Reforço, então, nesse sentido, que o encontro dessas forças não é sistematizável hierarquicamente em eixos cartesianos, o que possibilitaria uma espécie de “decupagem” das forças de composição para saber as suas funções. Longe disso, compreender o sujeito passa por enveredar-se por uma trama de atravessamentos, uma espécie de nó conflitual – campo de forças, sem que exista um único fio que possa representar o início da teia da vida desse ser. Todos os fios o constituem na sua existência trama. O desafio é compreendê-lo na sua singularidade, na sua condição de sujeito-trama, no seu emaranhado do *si mesmo*.

Félix Guattari (1990) ressalta a importância de ampliar a definição de subjetividade, no sentido de abandonar a dicotomia sujeito individual/social, bem como de revisar os modelos de inconsciente. Resume em três considerações as molas propulsoras dessa discussão. Primeiro, a crescente importância dos fatores subjetivos na história da humanidade. Depois, o desenvolvimento massivo das produções maquínicas da subjetividade. E, em terceiro, a posição de destaque dos aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana.

A esquizoanálise não é o suporte teórico exclusivo de minhas proposições, mas é, no caso da discussão do sujeito da comunicação, a mais importante referência. Desse modo, consigo pensar o sujeito contemporâneo, como maquínico e complexo. Sujeito que vale pela sua potência. Tem sentido, como existência, à medida em que estiver em processo de autopoiese, de produção de vida. O sujeito surge, sim, na relação com o “outro”, mas este surgimento está ligado a uma relação intensa de reconhecimento, de um ver-se a si e não de introjeção dos limites, das regras do campo do “outro”, como embrião do projeto social.

REFERÊNCIAS

- Abreu Filho, O. (1998). Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. *Mana*, 4(2), 143-146. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000200008>
- Baptista, M. L. C. (2000). *O sujeito da escrita e a trama comunicacional: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas*. São Paulo: ECA/USP.

- Baptista, M. L. C. (2004, setembro). *Comunicação, amorosidade e autopoiese*. Comunicação no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre. Retirado de <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf>
- Baptista, M. L. C. (2014, setembro). *Quem é o sujeito da comunicação?* Comunicação apresentada no VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu. Retirado de <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2233-2.pdf>
- Barbero, J. (1989). Panorama bibliográfico de la investigación latinoamericana en comunicación. *Telos*, 19, 140-147.
- Beltrán, L. R. (1981). Estado y perspectivas de la investigación en comunicación en América Latina. In *Memorias de la Semana Internacional de la Comunicación* (pp. 37-55). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana de la Facultad de Comunicación Social.
- Capra, F. (1990). *O tao da física. Um paralelo entre a física moderna e o misticismo Oriental*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1991). *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1997). *A teia da vida. Uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Foucault, M. (2001). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Freitas, J. M. (1978). *Teorias da comunicação: questões e proposta. O Primeiro de Maio*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Freud, S. (1976). *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Guattari, F. (1987). *Revolução molecular. Pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- Guattari, F. (1990). Linguagem, consciência e sociedade. *Saúde Loucura*, 2(3), 3-17.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose. Um novo paradigma ético-estético*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.

- Madrid, J. E. (1984). Ciespal y la Ciencia de la Comunicación. *CHASQUI – Revista Latinoamericana de Comunicación*, 11, 20-27.
- Marcondes Filho, C. (2013). *O Projeto “Nova teoria da comunicação” e suas aplicações na pesquisa comunicacional atual*. São Paulo: Cultrix.
- Mattelart, A. (1999). *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola.
- Maturana, H. (1998). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Mezan, R. (1991). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.
- Peres, R. S., Borsonello, E. C. & Peres, W. S. (2000). A esquizoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. *Psicologia em Estudo*, 5(1), 35-43.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia sentimental*. São Paulo: Liberdade.
- Rolnik, S. (1992a). *Subjetividade e história. Mesa redonda no curso de Psicanálise*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- Rolnik, S. (1992b). *Cidadania e alteridade. Mesa redonda no IV encontro regional de Psicologia Social*. Rio de Janeiro: ABRAPSO.
- Rolnik, S. (1992c). *A morte de Guattari. Homenagem a Guattari*. Rio de Janeiro: Colégio Filosófico Internacional de Estudos Interdisciplinares.
- Rolnik, S. (1993). *Memorial. Concurso para ascensão na carreira para professor titular*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Santos, R. E. (1992). *Introdução à teoria da comunicação*. São Bernardo do Campo: Editora do IMS.
- Sousa, M. W. (1995). *Sujeito. O lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.

Citação:

Baptista, M. L. C. (2020). Quem é o sujeito da comunicação? A perspectiva do sujeito-trama. In J. P. Neves; P. R. Costa; P. de V. Mascarenhas; I. T. Castro de & V. R. Salgado (Eds.), *Eu sou tu. Experiências ecocríticas* (pp. 151-164). Braga: CECS.